CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 15/02/2022 - 05:56

# Bolsonaro chega hoje a Moscou em meio ao risco de uma guerra

PODER

## Bolsonaro usa comércio para justificar viagem...

Presidente alega negócios com Moscou para ir à Rússia em meio à tensão militar entre o país de Putin e a Ucrânia

» INGRID SOARES
» CRISTIANE NOBERTO

Em meio à tensão militar entre Rússia e Ucrânia, o presidente Jair Bolsonaro (PL) embarcou, na noite de ontem, rumo a Moscou. Horas antes, a apoiadores, o chefe do Executivo justificou que a visita tem cunho comercial e que "torce pela paz". Apesar de acenesfhado a remarcar a viagem de alto risco, Bolsonaro optou por mantê-la.

"Sabemos do momento difícil que existe naquela região. Temos negócios com eles, comerciais. Em grande parte, nosso agronegócio depende dos fertilizantes deles. Temos assuntos para tratar sobre defesa, sobre energia. Muita coisa para tratar", argumentou. "E o Brasil é um país soberano. Vamos torcer pela paz lá, que dê tudo certo. A gente quer a paz, mas você tem de entender que todo mundo é ser humano. Vamos torcer para que dê certo. Dependendo de uma palavra minha, o mundo teria paz."

A expertise em cibersegurança e ciberdefesa da Rússia também é outro fator de interesse brasileiro. Isso porque Bolsonaro confia às Forças Armadas brasileiras a missão de auditar as urnas eletrônicas junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e pretende fechar acordos de cooperação para capacitar a inteligência militar nacional. Devem participar das tratativas ministros militares do governo brasileiro.

Bolsonaro se encontrará com o presidente russo, Vladimir Putin, em, ao menos, duas ocasiões amanhã: numa reunião bilateral e durante um almoço no Kremlin, sede do governo local. Em seguida, ele se reunirá com o presidente da Duma, Câmara Baixa do Parlamento russo, e participará da entrega da oferenda floral no túmulo do soldado desconhecido.

A previsão é de que ocorra, ainda, um encontro de Bolsonaro com empresários no Four Seasons, hotel cinco estrelas localizado na Praça Vermelha, principal cartão-postal de Moscou, onde o presidente e parte da comitiva ficarão hospedados.

O vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB), que será o presidente em exercício até o retorno de Bolsonaro, previsto para o dia 18, disse que a viagem não deve causar problemas ao Brasil. Ele mencionou a recente visita do presidente argentino, Alberto Fernández, ao país comandado por Putin. "Na semana passada, o presidente da Argentina esteve lá (na Rússia), zero trauma", justificou. "Não tinha nenhum, vai ficar nesse jogo de paralisia. A viagem do presidente é de uma da vez, sem maiores problemas", frisou. Na última terça-feira, às vésperas da viagem, o Itamaraty divulgou uma nota celebrando as relações diplomáticas do Brasil com a Ucrânia.

A comunidade internacional está de olho na ida de Bolsonaro à Rússia. De acordo com Paulo Roberto Almeida, diplomata e ex-presidente do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (Ipri), não há ideias ou ideologias semelhantes entre os governantes, mas oportunismos, interesses e circunstâncias. "Os dois presidentes são isolados da comunidade internacional, mas querem mostrar o contrário. Pun Bolsonaro, porém, o efeito é contrário. Ele ficará mais (isolado) ainda, pois mostra desrespeito pelo direito internacional", destacou. "A viagem pode passar a imagem de que o Brasil faz parte da agenda internacional, mas nem Putin nem (Joe) Biden (presidente dos Estados Unidos) acham que o Brasil tem influência na agenda internacional ou europeia. Não foi influência nem na América do Sul."

Na avaliação do especialista, Bolsonaro viajou para provar que podia, queria e não se deixa do bear. Foi "aproveitar para tirar fotos em Moscou, aparecer nos jornais internacionais, e só".

### Oportunismo

Para Gunther Richter Moss, professor de relações internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como a visita já estava marcada, tem um tom diplomático. Porém, por meio dela, Bolsonaro busca vantagens eleitorais. "A viagem tem um significado comercial e outro significado mais simbólico, oportunista, que só serve para Bolsonaro capitalizar na política interna em ano eleitoral. Uma suposta imagem de aliado de um chefe de Estado poderoso, uma vez que, nos EUA, o presidente perdeu a interlocução", observou.

Ricardo Caichinho, cientista político do Ibmec-DF, aponta que, do lado de Bolsonaro, há a tentativa de sair do isolacionismo, e, para o governante russo, a agenda também é positiva, mesmo que não haja declarações de apoio. "Putin pode usar como uma forma de mostrar que há um apoio externo à política por ele adotada, o que é uma preocupação nossa perante os demais países", frisou. "É um momento delicado. Essa viagem pode sinalizar um apoio, e isso não é o que está na nossa agenda externa."

Na quinta-feira, Bolsonaro irá à Hungria, de Viktor Orbán, outro aliado aos interesses ocidentais e à democracia.

Sergio Lima / AFP

Bolsonaro: "Temos negócios com eles. Em grande parte, nosso agronegócio depende dos fertilizantes deles"

### » Presidenciáveis criticam chefe do Executivo

A viagem do presidente Jair Bolsonaro (PL) à Rússia foi criticada por presidenciáveis. O ex-juiz Sergio Moro, pré-candidato pelo Podemos, ironizou: "Um rapaz hão no Kremlin. Bolsonaro tem a incrível capacidade de estar no lugar errado e na hora errada", postou nas redes sociais. "Sua inexplicável ida à Rússia, nesta monarquia, nas antagonizia com todo o Ocidente e é mais um constrangimento para a diplomacia brasileira", acrescentou. Pré-candidato pelo PDT, Ciro Gomes também reprovou: "Bolsonaro entende tanto de política externa quanto de economia ou de saúde pública, ou seja, nada". O ex-governador destacou o risco que o país corre com a visita. "Se Bolsonaro falar o que não deve, como é corriqueiro, colocará o Brasil em uma posição delicada com parceiros comerciais importantes. Seu desejo por exibição e autopromoção pode custar muito caro ao nosso país", acrescentou.

### Negócios em Moscou

*Veja a pauta do presidente com os russos*

» **Fertilizantes:** *Bolsonaro vai se encontrar com empresários do setor. O país tem grandes fábricas de agroquímicos e defensivos agrícolas. Recentemente, anunciou no Congresso proposta que flexibiliza a entrada dos produtos em solo brasileiro.*

» **Energia:** *a Rússia é um importante negociador de petróleo. Há, ainda, conversas sobre a aquisição, pela empresa russa Acron, da Unidade de Fertilizantes Nitrogenados (UFN3) da Petrobras, localizada em Três Lagoas (MS).*

» **Defesa:** *Bolsonaro quer negociar um acordo de cooperação nas áreas de defesa cibernéticas e ciberdefesa junto às Forças Armadas brasileiras.*

### Delegação enxuta

Na comitiva presidencial estão os ministros da Defesa, Braga Netto; das Relações Exteriores, Carlos França; e da Secretaria-Geral da Presidência da República, Luiz Eduardo Ramos. A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, testou positivo para a covid-19 e não pôde viajar.

## ...mas saldo dos negócios é deficitário para Brasil

» ROSANA HESSEL

Apesar de o presidente Jair Bolsonaro (PL) alegar que as relações comerciais entre Brasil e Rússia são importantes para justificar a ida a Moscou no meio de uma crise geopolítica, além de arriscada, a viagem não deve trazer retornos relevantes para o país, conforme alertam especialistas. Para eles, o deslocamento custará caro ao chefe do Executivo e ao país, porque não é justificável do ponto de vista comercial e poderia ser postergada, sem criar problemas diplomáticos entre os dois países.

A Rússia não é o principal destino das exportações brasileiras, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia. Em 2021, o país governado por Vladimir Putin ficou em 30º lugar na lista dos principais compradores dos produtos brasileiros, à frente apenas da África do Sul, entre os parceiros do Brics — grupo dos emergentes que inclui, também, Índia e China.

Moscou respondeu por 0,0% dos embarques nacionais no ano passado, ou seja, US$ 1,39 bilhão. Enquanto isso, China e Estados Unidos — os dois maiores parceiros comerciais brasileiros — compraram, respectivamente, US$ 87,2 bilhões e US$ 31,1 bilhões, no ano passado, em produtos nacionais.

As importações brasileiras provenientes da Rússia somaram US$ 5,7 bilhões em 2021, gerando saldo comercial negativo de US$ 4,31 bilhões no comércio bilateral.

Na avaliação do cientista político David Fleischer, professor emérito da Universidade de Brasília (UnB), a viagem de Bolsonaro à Rússia tem um único objetivo: tentar melhorar a projeção internacional do presidente brasileiro, que é muito negativa. "Bolsonaro diz que está indo para comprar fertilizantes, mas essa compra vai sair muito cara, dada a distância da Rússia", disse. "O Brasil é um pária internacional, e o presidente quer melhorar a imagem dele no exterior. Mas não sei se ele vai conseguir, porque deverá chegar a Moscou no dia 23 e na hora 11 das previsões para o ataque russo à Ucrânia", alertou, fazendo uma ironia às declarações do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello sobre a data da vacinação dos brasileiros contra a covid-19, que nunca chegava.

Para Fleischer, a justificativa de que o corrente foi feito antes da crise e de que o governo brasileiro não poderia recusar "não é plausível". "O que não tem muita lógica é o Brasil se arriscar a se indispor com o resto do mundo para um país com pouco peso na balança comercial nacional", acrescentou.

Especialista em relações internacionais e CEO da BMI Consultores Associados, Wagner Parente também reconhece que o comércio do Brasil com a Rússia é desfavorável para o lado brasileiro, que tem déficit comercial com os russos. "As importações são concentradas em fertilizantes, que é importante para o agronegócio. Mas, no cômputo geral, o peso do comércio com os russos é muito pequeno se comparado com os Estados Unidos e com a China ou, até mesmo, com o Oriente Médio", destacou. "O investimento bilateral também é muito pequeno, e uma das poucas tentativas brasileiras na Rússia não foi muito bem-sucedida", enfatizou, citando o caso de uma grande fabricante de alimentos que teve dificuldades em entrar do russo, mas desistiu em menos de dois anos e saiu do negócio.

Conforme os dados da Secex, mais da metade das importações brasileiras provenientes da Rússia, US$ 3,5 bilhões, foi de fertilizantes — volume 87% superior ao registrado no ano anterior.

A China — país com o qual o Brasil tem superávit de US$ 48,2 bilhões no comércio bilateral — exportou US$ 2,1 bilhões em adubos químicos para o mercado brasileiro, dado 250% superior ao de 2020.

CRISE INTERNACIONAL

## EUA e Rússia abrem janela de oportunidade

Intensa movimentação de peças no tabuleiro da diplomacia tenta impedir escalada militar na fronteira da Ucrânia com a Rússia: Putin ouve de ministro que "caminho do diálogo não se esgotou", enquanto Biden e Johnson admitem espaço para acordo

A tensão na fronteira da Rússia com a Ucrânia segue elevada, mas observadores internacionais apontam que há uma janela de oportunidade para a diplomacia, aberta com declarações dos líderes dos principais atores da crise. Na conversa entre o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e o primeiro-ministro inglês, Boris Johnson, ontem, por telefone, os dois deixaram claro que ainda há espaço para negociações com a Rússia.

"O primeiro-ministro e o presidente Biden se informaram mutuamente de suas recentes discussões com seus colegas dirigentes mundiais. Estiveram de acordo em que ainda resta uma oportunidade crucial para a diplomacia e para que a Rússia renuncie a suas ameaças contra a Ucrânia", disse o porta-voz de Boris Johnson, após a ligação telefônica.

Apesar das declarações, os Estados Unidos e seu principal aliado europeu mantêm o teor das ameaças de retaliação caso o presidente russo, Vladimir Putin, determine o avanço de tropas sobre a fronteira ucraniana.

Johnson e Biden reiteraram que uma invasão da Ucrânia "provocaria uma crise prolongada para a Rússia, com danos consideráveis tanto para a Rússia quanto para o (resto do) mundo". E destacaram que é preciso que os ocidentais "permaneçam unidos frente às ameaças russas, sobretudo impondo um conjunto importante de sanções se houver uma escalada na agressão russa" e que "os países europeus (devem) reduzir sua dependência do gás russo, uma medida que, mais do que nenhuma outra, afetaria o centro dos interesses estratégicos da Rússia".

No domingo, também por telefone, Biden e o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, "concordaram sobre a importância de continuar no caminho da diplomacia e da dissuasão".

Ontem, Zelensky recebeu o chanceler alemão, Olaf Scholz, para discutir a questão. Depois de três horas de reunião, Scholz declarou que a entrada da Ucrânia na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não está na agenda. "A questão da adesão à aliança não existe, é, de alguma forma, curioso que o governo russo esteja fazendo algo que praticamente não está na agenda como objeto de grandes problemas políticos." A possibilidade de ingresso da Ucrânia na Otan é um dos pontos que o governo Putin considera inegociável.

No Kremlin, o presidente da Rússia, Vladimir Putin (D), e o chanceler do país, Sergei Lavrov, conversam sobre a crise com a Ucrânia

> O caminho do diálogo não se esgotou, mas também não pode durar indefinidamente"
>
> **Sergueí Lavrov**, *ministro da Defesa da Rússia*

> (Biden e Johnson) Estiveram de acordo em que ainda resta uma oportunidade crucial para a diplomacia e para que a Rússia renuncie a suas ameaças contra a Ucrânia"
>
> ***Nota do governo inglês***

Presidência da Ucrânia

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelensky (E), recebe chanceler alemão, Olaf Scholz, em Kiev

### Aceno russo

Moscou assegura que não age com intenção bélica, mas condiciona uma desescalada da tensão a "garantias de segurança" como, por exemplo, o compromisso de que a Ucrânia não integrará a Otan.

Em dois encontros, divulgados pelas emissoras de TV russas, Putin tratou da crise com o chefe da diplomacia, Serguei Lavrov, e com o ministro da Defesa, Serguei Shoigu.

Lavrov considerou que "há uma possibilidade" de "resolver os problemas" e que o caminho do diálogo "não se esgotou, mas também não pode durar indefinidamente". E enfatizou que a Rússia está pronta para "ouvir contrapropostas sérias". Em outro sinal de desescalada, pouco depois, Serguei Shoigu afirmou na audiência com Putin que os exercícios militares promovidos pela Rússia ao lado de Belarus estavam "terminando". "Alguns exercícios estão sendo realizados, uma parte está concluída, outra está terminando. E outros ainda estão em andamento devido à sua magnitude", disse Shoigu.

Em outra frente diplomática, o embaixador russo na União Europeia (UE), Vladimir Chizhov, disse ao jornal britânico *The Guardian* que seu país "não vai invadir a Ucrânia, a menos que nos proponham a fazê-lo". E deu exemplos de ações que não seriam toleradas: "Se os ucranianos lançarem um ataque contra a Rússia, não deveria surgir em dar se contra-atacarmos. Ou, se começarem a matar descaradamente cidadãos russos de qualquer lugar, em Donbass ou em qualquer outro local", citando a região do leste da Ucrânia onde separatistas pró-russos lutam há oito anos contra as forças do governo de Kiev.

### G7 sobe o tom

Os ministros das Finanças do G7 (grupo que reúne os países mais ricos do mundo) estão dispostos a impor "em um prazo muito curto" sanções econômicas e financeiras "com consequências importantes e imediatas para a economia russa", em caso de agressão militar contra a Ucrânia.

"Nossa prioridade imediata é apoiar os esforços destinados a fazer a situação avançar", informaram os ministros de Reino Unido, Estados Unidos, França, Canadá, Alemanha, Itália e Japão em um comunicado. "Mas qualquer agressão militar da Rússia contra a Ucrânia mereceria uma resposta rápida e eficaz", garante o G7, presidido atualmente pela Alemanha.

Ontem, o chanceler alemão, Olaf Scholz, antes de embarcar para Kiev, pediu a Rússia "sinais imediatos de desescalada" na crise com a Ucrânia. Ele classificou a situação como "séria, muito grave". Na quarta-feira, Scholz irá a Moscou, se encontrar com o presidente Putin.

Nesse jogo de incude-assopra entre Rússia e países da Otan, o ministério da Defesa do Reino Unido informou que enviará um "pequeno número" de tropas para a Lituânia (país-membro da Otan que não faz fronteira com Rússia e Ucrânia). "Em espírito de solidariedade, o Reino Unido enviará um pequeno número de militares para apoiar a Lituânia com inteligência, vigilância e reconhecimento. Essa implantação ajudará a reforçar a capacidade da Lituânia de lidar com pressões ao longo de sua fronteira com Belarus", disse o ministério no Twitter.

## Estados Unidos decidem tirar embaixada da capital ucraniana

Diante da "dramática aceleração" de concentração de tropas russas na fronteira, os Estados Unidos decidiram transferir sua embaixada de Kiev para Lviv, no oeste de país. O anúncio foi feito pelo secretário de Estado, Antony Blinken, enquanto a sua assessoria informava aos jornalistas que a Casa Branca não vê "nenhum sinal concreto de desescalada" na fronteira Rússia-Ucrânia. "É uma clara possibilidade, talvez mais real do que nunca, que a Rússia decida prosseguir com uma ação militar", disse o porta-voz de Blinken, Ned Price.

No entanto, garantiu que os Estados Unidos acreditam que o caminho diplomático "continua vivo" para superar a crise. "Acreditamos que ainda há uma janela para se chegar a Genebra e (ter) um sinal de que a Rússia está de fato em busca de uma solução diplomática", disse.

"A embaixada continuará em contato com o governo ucraniano", mas "exortamos fortemente todos os cidadãos americanos ainda na Ucrânia a deixarem o país imediatamente", disse Blinken em um comunicado.

O pessoal americano em Kiev já tinha sido reduzido e foram mantidos apenas funcionários diplomáticos e consulares essenciais. Uma reduzida presença consular foi instalada em Lviv, a 70 km da fronteira com a Polônia, para atender casos urgentes.

### ONU fica

A ONU informou que não há planos para transferir a estrutura que mantém em Kiev. As Nações Unidas têm 1.661 funcionários na Ucrânia, sendo 1.441 cidadãos ucranianos e 220 estrangeiros. "Não há planos para a evacuação em massa da equipe de pessoal da ONU", disse o porta-voz da organização, Stéphane Dujarric, apesar de vários países terem pedido a seus cidadãos que deixem o país por medo de uma invasão russa.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, disse que "(b)ocade desativar" ações entre a Rússia e o Ocidente, respaldando a Carta das Nações Unidas. Em declaração à imprensa, ele pediu que se abandone "a retórica incendiária".

Guterres criticou, ontem, por telefone, com os ministros das Relações Exteriores de Rússia e Ukrânia. "Simplesmente não podemos aceitar sequer a possibilidade de um confronto tão desastroso", disse, ao destacar que "não há alternativa à diplomacia" e que "abandonar a diplomacia em benefício do confronto não é superar uma linha, é pular no abismo".

O Conselho de Segurança da ONU se reunirá na quinta-feira para tratar da crise na Ucrânia e da implementação dos acordos de Minsk alcançados em 2014 e 2015 para pacificar o leste do país.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

**Seção:** Política **Pagina:** 2 e 9

Copyright © Clipclap 2025.